

OS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO DA MULHER NA TRAJETÓRIA DA PROFESSORA ANAYDE BEIRIZ (1905-1930)

Mariza de Oliveira Pinheiro ¹

Maria Arisnete Câmara de Moraes ²

UFRN

GT 4 - Gênero e etnia na história da educação brasileira

[...] eu possuo essa impetuosidade despreocupada e desinteressada dessa raça mestiça de que descende minha família paterna, também possuo, num grão tão alto como ninguém talvez supusesse a altivez e o orgulho dessa raça de sertanejos a que pertence minha mãe.(Anayde Beiriz, Parahyba, 31 de janeiro de 1926)³

Escrever sobre a trajetória da professora Anayde Beiriz é percebê-la como o ícone da mulher amante e guerreira anônima. Mulher que se entregou a vida com uma paixão arrebatadora, sem temor, desnudando-se em seus contos, poemas e aventuras. Nunca pôs uma arma de fogo nas mãos e, não frequentou movimentos feministas. Mas assumiu a luta contra a subjunção da mulher, contra os preconceitos, contra a discriminação, fugindo ou enfrentando solitariamente, através dos seus escritos os que a perseguiram. Sua curta trajetória deixou rastros de sonhos e projetos de menina, mulher e professora contados em prosa, versos, filmes e teatro que representam os traços de resistência e de lutas das mulheres nordestinas. E, João Molevande, afirma na apresentação do livro de Fernandes (2005, p. 13), que “cada menina e mulher nordestina – e por que não dizer brasileira? – quando se sente atraída pelo desafio de decolar de si mesma, da família ou do namorado que a oprime, ganha força e decisão ao pensar: se Maria Bonita fez, por que não eu?” E, assim, a professora Anayde Beiriz se fez, com a coragem e a ousadia das mulheres nordestinas.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista da Capes. Professora Especialista em Educação Básica na Universidade Federal da Paraíba. E-mail: mariza_pinheirop@yahoo.com.br.

² Orientadora. Professora do Dep. de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisadora do CNPq. Doutora em Educação pela UNICAMP-SP, Pós-doutora pela Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales-Paris.. arisnete@terra.com.br.

³ Trecho da carta escrita pela Professora Anayde Beiriz para seu namorado Heriberto Paiva que residia na cidade do Rio de Janeiro, publicada no livro de Aranha (2005, p. 96).

Este texto faz parte da pesquisa de mestrado, vinculada à base Gênero e práticas culturais: abordagens histórica, educativa e literária, coordenada pela professora Dr^a. Maria Arisnete Câmara de Moraes, vinculada na linha de pesquisa: Cultura e História da Educação do PPGED/UFRN. O estudo tem como objeto a professora Anayde Beiriz, enquanto sujeito de memória e representação histórica. Propõe-se a reconstituir na sua trajetória, os caminhos percorridos para a consolidação de sua formação, refletindo acerca de suas práticas culturais como intelectual ensaísta, poeta, e professora no contexto paraibano de 1905 a 1930. Neste trabalho utilizam-se os referenciais teórico-metodológicos da História Cultural, ao inclinar-se contra a história silenciada no cânone tradicional. Aporta-se nos referenciais teóricos de Chartier (1990) e, para esse autor, a História Cultural deve ser entendida como um estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, rompendo com antigas idéias de sentido intrínseco, absoluto, único, visa a compreender as práticas complexas, múltiplas, diferenciadas, que constroem o mundo como representação.

História de vida: traços de intelectualidade, paixão e liberdade

“Vejo-a sempre na postura dos que, segundo Brechet, são imprescindíveis. Como uma gaivota desnudando o coração dos homens... Vejo-a na próxima esquina, sempre, em tudo que espero encontrar pela manhã nos rostos de todas as manhãs”⁴. Nesse trecho, Lau Siqueira (apud ARANHA, 2005, p. 40), verseja um olhar poético sobre a história da professora. Leva-nos também, a refletir e a imaginar no mosaico de dados encontrados. Que olhar construiremos?

Os fragmentos encontrados revelam uma moça de origem modesta, filha do funcionário da Imprensa Oficial - o tipógrafo do jornal *A União* - José da Costa Beiriz e da sertaneja. Maria Augusta de Azevedo. Residia na Rua da República, sendo vizinha do professor Celestin Malzac. Foi a primogênita, recebendo todas as regalias e os mimos do pai. Seu nascimento deu-se na antiga capital do Estado, Parahyba do Norte, no dia 18 de fevereiro de 1905 e morreu no dia 22 de outubro - após o assassinato do seu noivo João Dantas no presídio da cidade do Recife – perseguida ingeriu forte dose de veneno, em plena efervescência política da Revolução de 1930. Foi sepultada no cemitério Santo Amaro, também no Recife, onde consta o registro de Óbito de nº. 2585. Como que

⁴ Trecho retirado do texto de Lau Siqueira, *Anayde Beiriz vive*, publicado no jornal *O Norte* de 31 de março de 1987.

prevendo um fim trágico, em vista de sua impotência solitária diante dos ditames do poder oligárquico, a professora deixou registrada em seu diário, a significativa confissão: “a alternativa é o traço predominante do meu caráter, porém na minha vida, o mais doloroso é saber-me impotente para vencer o meu destino” (MELO, 2002, p. 144).

A professora Anayde Beiriz, juntamente com seus três irmãos, Antônio, Helena e Maria José – a Zezita -, viveu a infância tranqüila de menina esperta e travessa, adepta da natação e passeios de bicicleta. Desde cedo, teve características de típica aluna estudiosa, incentivo que recebia dos pais, que mesmo sem educação superior almejavam-lhe um futuro promissor. Segundo Jofilly (1980, p. 19), ainda menina, estudando na escola de D. Maria Amélia Avelar, quando interrogada pela própria professora se queria casar ou ser freira, respondia: “quero ser médica”. Com o espírito sonhador, a professora contrariava as perspectivas que a sociedade do seu tempo reservava para as mulheres de sua classe social almejando um futuro promissor de independência profissional e tomando o gosto pela intelectualidade. Na sua mocidade, em conversas particulares com as irmãs, Zezita e Helena, dizia-se admiradora de Nízia Floresta ⁵.

Apesar de mulheres singulares, as professoras Anayde Beiriz e Nízia Floresta, tinham idéias comuns e muita irreverência. As suas contribuições literárias defendiam a educação e os direitos das mulheres, dos índios e dos escravos. Em seu livro, *Opúsculo Humanitário*, a professora desvela o passado histórico das mulheres e as condições impostas a elas através das diversas civilizações desde a Antigüidade clássica. A autora, incentivava ora na literatura, ora na imprensa escrita a profissionalização e a atuação da mulher na sociedade, desenvolvendo e aproveitando suas habilidades intelectuais na construção de uma sociedade melhor.

As idéias da professora Nízia Floresta, entre as pioneiras que expandiram a presença dos escritos femininos na imprensa do País repercutem na jovem normalista Anayde Beiriz, também adepta da literatura - gosto herdado do pai, que gostava de ler e de discutir problemas políticos e sociais e, de sua mãe que além de cultivar flores, tinha o hábito de ler trechos de poemas e poesias em voz alta à noite. A jovem ensaísta, de aguçada sensibilidade teve alguns contos e poesias publicadas na imprensa. Foi colaboradora, na Revista paraense *Belém Nova*, nas pernambucanas *A Pilhéria* e *Revista da Cidade*, na *Era Nova* e na página literária do *O Jornal*, estes paraibanos. Dentre os contos e

⁵ A esse respeito de Nízia Floresta, ver pesquisas realizadas pela Professora Dra. Constância Lima Duarte da UFMG publicadas: *Nízia Floresta: vida e obra*; *Nízia Floresta: a primeira feminista do Brasil*.

as poesias publicadas veja este pequeno trecho do poema: *Da minha alma e da minha volúpia* citado na tese de Sales (2005, p. 215)

Fecha essa lâmpada meu amor...
Essa luz vermelha é por demais violenta.
Evoca visões de loucura e de sangue...
É a luz do pecado.
Faz-me mal, dá-me febre e gozo.
Põe-me arrepios de volúpia na carne...
Fecha essa lâmpada, meu amor...[...]

O sofrimento, a paixão, a sensualidade fazem parte da lírica da professora Anayde, classificada pelos literatos como intimista, mística e simbolista. Sales (2005) resgata os escritos da professora Anayde Beiriz, como uma voz peregrina em busca da liberdade rompendo preconceitos que atravessaram os tempos. A autora a classifica, no rol da história cultural das *mulheres audaciosas*, que lutaram pela sua autonomia. Mulheres, que traçaram um caminho de conquistas, ora publicando livros, escrevendo na imprensa, ora atuando como professoras em prol da educação das mulheres, numa época em que lhes renegaram esse espaço. Muitos desses chamados solitários, ainda ecoam no presente nos conduzindo em busca da compreensão da história da educação das mulheres.

Os caminhos da educação: da Escola Normal aos saraus “littero-dançantes”

A mentalidade advinda da tradição portuguesa diferenciava a educação das mulheres da dos homens. De acordo com Ribeiro (2003, p. 79) ⁶, esta herança teve origem na cultura ibérica, onde por mais de 800 anos os árabes consideraram a mulher um ser inferior fazendo parte do *imbecilitus sexus* – sexo imbecil. Contudo, em uma caminhada de fluxo de constantes tensões, do século XIX, as mulheres conseguiram avanços significativos para o progresso da educação feminina. Antes de fundarem propriamente a Escola Normal, muitas províncias criaram um curso normal anexado aos Liceus com a implantação da cadeira de Pedagogia ao currículo, com a formação da prática profissional para a escola primária pública.

⁶ A autora destaca os versos do escritor brasileiro, Luis Edmundo contido no livro, *A corte do Rio de Janeiro*: “mulher que sabe é mulher atrapalhada, para ser mãe de família, saiba pouco ou saiba nada”. E, do contista português, Gonzalo Trancoso, que foi preceptor de meninos: “a mulher honrada deve ser sempre calada”, “as moças não falem, nem alcem os olhos do chão quando forem pela rua e se ensinem a não tomar brio de verem e serem vistas que a mim me parece muito bem”.

A gênese histórica, da Escola Normal provinciana brasileira foi implantada sob o modelo europeu, sob os reflexos da lei Geral de 15 de agosto de 1827, ao se instaurar o ensino primário no Brasil que caracterizou a formação dos professores. A primeira Escola Normal foi a da Província do Rio de Janeiro criada em 1835, em Niterói. Com o método de ensino mútuo, a escola destinava-se a habilitação de professores para o exercício do magistério da instrução primária. Nos anos que se seguiram, houve a expansão de escolas normais pelo país.

Na Paraíba, a história da evolução da Escola Normal, de acordo com Mello (1996, p. 63-69), teve inúmeros avanços e retrocessos. Inicialmente fora criada para ambos os sexos pela Lei de número 30 em 30 de junho de 1884, sendo instalada no governo do Dr. Antonio Sabino do Monte em sete de abril de 1885, nas dependências do antigo Lyceu. Convertendo-o em Escola Normal de dois graus, cabendo ao primeiro grau o desígnio de preparar professores para o exercício do magistério. O artigo 97, do mesmo regulamento, estabeleceu o funcionamento da Escola Normal destinada ao sexo feminino em prédio separado, aproveitando o pavimento térreo do Tesouro Provincial, sendo instalada em sete de abril deste mesmo ano, utilizando o mesmo corpo docente do Liceu e instituiu também a abertura de concurso público. A Lei de número 33 de 14 de janeiro de 1866 extinguiu a secção masculina e denominou-a de Externato Normal, com a duração do curso de três anos. No o ano de 1888, diplomaram-se as primeiras normalistas, foram quatro moças paraibanas que abriram caminhos de professora no estado, sendo elas: Amália Garcez Alves de Lima, Aquilina Amélia de Oliveira, Anna Higina Bitencourt Pessoa e Felismina Etelvina de Vasconcelos.

Nos anos de 1892 a 1896, o presidente Álvaro Machado, através do Decreto de número 7, de quatro de abril de 1893, substitui o antigo Externato pela Escola Normal destinada para ambos os sexos. Devido à falta de habilitação do professorado investiu então, na formação de normalistas. Estabeleceu através do decreto 265 de 29 de julho de 1905 a substituição do antigo corpo docente do quadro funcional por professores normalistas, concedendo a estes, incentivos financeiros e a valorização da profissão. Ao renunciar o Governo, deixou a Escola Normal com a frequência de 30 alunos no setor masculino e 82 alunas no feminino. A Direção Geral da Instrução Pública, foi criada no governo de João Machado nos anos de 1908 a 1912, através do decreto 405 de três de março de 1909, que dilatou para quatro anos o curso normal, estabelecendo um processo mais rigoroso para os exames de admissão. Reconstruiu o prédio da Escola Normal, dando-lhe novas acomodações, aparelhos de ensino e mobiliário moderno. De 1912 a 1916, João

Pereira de Castro Pinto, criou a cadeira de francês prático para ambos os sexos, aparelhou de mobiliário moderno as diversas escolas e, estimulou a nomeação de normalistas para as cadeiras situadas nas diversas zonas do Estado, intensificou o ensino noturno e criou diversas escolas destinadas a operários. Teve projetos que não chegaram a se concretizar, como a criação de uma Escola Normal no sertão e a Universidade Popular. A Reforma de 1917, de Francisco Camilo de Hollanda nos anos de 1916 a 1920, trouxe grandes melhoramentos para o ensino, através do Decreto número 873 de 21 de dezembro deste mesmo ano, reformulou a legislação da instrução pública e empreendeu a construção de prédios para melhor acomodar as instituições de ensino. Foi então, que transferiu a Escola Normal para um prédio construído na Praça comendador Felizardo. O educandário foi desmembrado da Diretoria da Instrução Pública pela Lei 466 de 23 de outubro de 1917, sendo regulamentada pelo Decreto de número 874, de 21 de dezembro do mesmo ano, tendo como primeiro diretor, monsenhor João Batista Milanez.

A Instrução Pública, no governo de Sólton Barbosa de Lucena de 1920 a 1924, teve a direção de João Alcidez Bezerra Cavalcanti, antigo Inspetor Geral do Ensino. Foram criadas 110 escolas e, vários prédios foram adaptados para o funcionamento de grupos e cadeiras isoladas em Guarabira, Borborema, Princesa, Souza, Campina Grande e Areia. Inaugurou o Patronato Agrícola “Vidal de Negreiros” em Bananeiras e, equiparou o colégio de Cajazeiras, o de Nossa Senhora das Neves e a Escola Normal. Homem de visão moderna, Sólton de Lucena, deu novo regulamento à Escola Normal, dotando-a de um vasto pavilhão para ginástica. Defendeu o ensino agrícola e profissional também para as mulheres, através de reforma radical no processo educacional, conforme o trecho do seu pronunciamento:

Tive em vista fundar uma escola doméstica modelo, [...] Ao lado deste educandário prático, por excelência, onde se ensinam desde as mais elementares noções de higiene até as prendas domésticas, a arte culinária, às confecções, a apicultura, a floricultura, a sericultura, a horticultura, as indústrias de laticínios, todas necessárias à atividade profícua da mulher, até a puericultura, teríamos uma seção destinada ao aprendizado exclusivo de tratamento de lares para a formação de governantes. Seriam novos horizontes abertos à vida econômica do nosso povo, novas fontes de renda franqueadas à inteligência, à capacidade produtora da mulher paraibana, já hoje ruminando também as ocupações burocráticas. (SÓLTON DE LUCENA apud MELLO, 1996, p. 86)

Foi nesse educandário - ainda sob a direção do monsenhor João Milanez - espaço da efervescência cultural paraibana, que se formou a professora Anayde Beiriz. Destacando-se como a primeira estudante da classe aos 17 anos, a mais jovem diplomada professora, em 14 de maio de 1922. Teve o diploma regulamentado pelo decreto de número 1.402 de 27 de janeiro de 1920. Foram suas colegas de turma: Anésia Carneiro da Cunha, Amélia Feitosa, Elvira Lianza, Rita Miranda e Otília Xavier, todas representantes da alta sociedade. Atuou como professora, em Cabedelo – cidade portuária de lindas praias e fonte de inspiração para Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Gilberto Freyre que registraram suas pegadas por estas bandas em poemas, deixamos registrado um deles: “Viagem à roda do mundo. Numa casquinha de noz: estive em Cabedelo. O macaco me ofereceu cocos. Ó maninha, ó maninha, tu não estavas comigo!... Estavas?...” (MANUEL BANDEIRA, 1928 apud PIMENTEL, 2002, p. 11).

Cabedelo, situada à margem esquerda do rio Paraíba, à época, uma vila com ares de nobreza e cenas líricas, como as das noites de lua cheia, quando os lampiões não eram acesos. A cidade recebeu a rede de energia elétrica em 1912, o que possibilitou o uso de bondes elétricos. Era esse, o cenário onde atuava a professora Anayde Beiriz, na Escola pública Epitácio Pessoa, da Colônia de Pesca Z-2, destinada aos filhos dos pescadores que teve primeiramente como mestra a professora D. Benedita Viana – Dona Bentinha. É perceptível a disposição da professora, ao dispor-se a trabalhar em tão longínqua região, onde a ausência de professores era grande, atuando durante o dia com crianças e a noite com adultos. Para exercer tal atividade hospedava-se na casa de sua tia conhecida popularmente como Noca do Farol, que residia nesta localidade da praia de Ponta do Matos,⁷ local de veraneio da sociedade. De acordo com Pimentel (2002, p. 87–88), a atuação da professora não se restringiu apenas ao ensino. Exerceu influência e liderança sendo eleita, por unanimidade, para o cargo de secretária da Colônia, em eleição realizada em março de 1930, poucos meses antes de se tornar vítima das disputas políticas entre os liberais e os perrepostas, pelo seu envolvimento afetivo a João Dantas, o assassino do presidente João Pessoa.

⁷ Essa praia era local de veraneio das famílias de posses da capital e de outras cidades paraibanas, onde se podia observar a aproximação dos navios. Entre os veranistas destacam-se os governantes da Paraíba João Machado, Walfredo Leal, Castro Pinto, Camilo da Holanda, Solon de Lucena e outras autoridades ligadas ao governo estadual. O acesso se dava através dos bondes de tração animal. O nome está relacionado à colonização da Paraíba, derivado do nome do comandante da Fortaleza do Cabedelo, João de Matos Cardoso, que tinha residência neste local. A praia, também deu início a povoação da cidade de Cabedelo (PIMENTEL, 2002, p.910- 97).

A professora Anayde Beiriz, desmistificando o papel da mulher limitada somente à esfera doméstica, foi a aluna pioneira na turma mista do curso de datilografia da Escola Remington, na cidade. Esta atitude evidencia um avanço em relação aos valores tradicionais da época. Considerada moderna e progressista, conforme descrição do escritor Joacil de Brito (apud MELO, 2002, p. 146), “A bela professora era realmente ousada. Foi das primeiras a cortar o cabelo curtinho – à *la garçonne* – gostava de conversar mais com os rapazes do que com coleginhas educadas e bem postas, porém a maioria sem lustre intelectual”. Desafiava a mentalidade provinciana e patriarcal da sociedade paraibana, que determinava o papel social da mulher ao universo do lar, fora desse, seu destino era desvirtuado. Vivia sob a influência da conjuntura de entusiasmo nacionalista do movimento vanguardista moderno expandido em todo o Brasil, com a realização da Semana de Arte Moderna em 1922, na cidade de São Paulo. De acordo com Nagle (2001, p. 124), foi este o marco principal do movimento literário e cultural de cunho idealista e da defesa da personalidade nacional. Os ares do modernismo chegavam também na cidade da Parahyba do Norte, representado pelo grupo dos “Novos”, da qual participava Amaryllo de Albuquerque – escritor residente na cidade do Rio de Janeiro. Vinha a cidade para organizar reuniões animadas na casa do médico José Maciel, ao lado dos intelectuais, Perilo D’Oliveira, Orris Barbosa, Eudes Barros, Silvino Olavo e Severino Alves Aires, Raul de Góes, Samuel Duarte, Demetrio Toledo. Neste mesmo contexto, a professora Anayde Beiriz, era a única moça a frequentar os serões “littero-dançantes” e a participar das reuniões do grupo causando espanto e burburinhos a jovens senhorinhas casadoiras, ao declamar o poema de sua autoria:

Nasci / Nasceu

Cresceu / Namorou

Noivou / Casou

Noite nupcial

As telhas viram tudo

Se as moças fossem telhas não se casariam nunca (BEIRIZ, 1926 apud JOFILLY, 1979, p. 270)

Segundo, Nunes (2005, p. 142), a professora Anayde Beiriz, foi punida pela sua ousadia em enfrentar a sociedade da época com um comportamento não recomendável para as moças de família, ao escrever para jornais. Fazia versos considerados futuristas, pela ausência de métrica e rima, freqüentava os saraus na companhia dos intelectuais

masculinos, saía desacompanhada às ruas, usava cabelos á *la garçone* e, abandonou o uso da saia comprida.

Considerações finais

Buscou-se a inspiração e o sentido para este texto abordando-se as vertentes: mulher, educação e práticas culturais a partir das leituras de Morais (2002), quando esta diz que ao reconstruir o passado desfruta-se da ilusão de viajar no tempo não apenas como leitora desse passado, mas uma ouvinte atenta dessas vozes que tem muito que contar. A autora destaca o ato historiográfico, como uma espécie de viagem, onde o presente e o passado se encontram, fazendo emergir vozes que constroem sentidos e significados na pesquisa. Desta forma, o desejo e a possibilidade de reescrever a trajetória da professora Anayde Beiriz é também dar-lhe voz e sentido, materializando as interpretações e percepções que ganham significado real imbricando, sistematizando, identificando e relacionando os dados nos fundamentos teóricos da História Cultural desvelando novos caminhos no que já foi revelado, busca-se compreender os diferentes olhares sobre a mesma história, contada de formas diferentes e seus múltiplos sentidos.

Caminhou-se na busca dos dados e das marcas desta história em múltiplas fontes. Na literatura e em arquivos disponíveis, no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e de Natal; nas Bibliotecas da Universidade Federal da Paraíba e do Rio Grande do Norte, Zila Mamede; em arquivos do Jornal A União; em sebos de livros. Os dados encontrados constituem em configurações próprias de um tempo e de um espaço. São, sobretudo, entendidos como processo de construção de significações, de linguagem e de conhecimento novo.

Foi então, sob a inspiração dos ares da modernidade repercutindo no mundo e também no estado paraibano, através dos “Novos” que se concretizou a formação da professora Anayde Beiriz, reflexo da resistência e da luta da mulher moderna emergente no Nordeste. Estereótipo da mulher guerreira, misturada à mística dos cantadores, da literatura de cordel, dos romances dos folhetins, das leituras de José Lins do Rego, Nízia Floresta, Lima Barreto, Castro Alves, Gilka Machado, Maria Lacerda de Moura, cujas idéias, a professora reproduziu em seus escritos e em suas práticas culturais.

Referências

ARANHA, Marcus. **Anayde Beiriz: panthera dos olhos dormentes**. João Pessoa: Manufatura, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa – Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

FERNANDES, Ilsa Queiroz. **Mulheres no cangaço: amantes e guerreiras**. Natal – RN: Idéia Editora, 2005.

FLORESTA, Nízia. **Opúsculo humanitário**. Edição atualizada com introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo: Cortez: Fundação José Augusto. 1989.

_____. **Revolta e revolução: cinquenta anos depois**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Anayde Beiriz: paixão e morte na revolução de 30**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas (CBAG), 1980.

MELO, Fernando. **João Dantas: uma biografia**. 2. ed. João Pessoa: Idéia, 2002.

MELLO, José Baptista de. **Evolução do ensino na Paraíba**. 3. ed. João Pessoa – Paraíba, Secretaria da Educação e Cultura. Conselho Estadual de Educação. 1996.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. (org.). **Mulher em nove versões**. Natal: EDUFRN: Editora da UFRN, 2001.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Sociedade, mulher e educação nos romances de Graciliano Ramos**. Natal – RN, 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do rio Grande do Norte, defendida em 2005.

PIMENTEL, Altamar de Alencar. **Cabedelo**. V. II. Cabedelo - PB: Prefeitura Municipal de Cabedelo. Secretária de Educação, Esporte e Cultura. Cabedelo, 2002

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na colônia, In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greice (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 79-94.

SALES, Ana Maria Coutinho. **Tecendo fios de liberdade: escritoras e professoras da Paraíba do começo do século XX**. Recife – PE, 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, defendida em 2005.